

1 Aora-pesquisadora-performer recifense, atualmente residente em SP. Desenvolve um trabalho artístico tomando o próprio corpo como matéria-prima para experimentação de linguagens, transitando entre os universos da performance, teatro e cinema.

a cidade dança o caos enquanto corremos sozinhas aos milhares. a cada passo, prédios inteiros desmoronam em chamas e explosões dando lugar a outros edifícios reluzentes futuristas assustadores. os pixos desaparecem e com eles todos os segredos inventados. hieróglifos do agora para um impossível amanhã. o cheiro da morte nos acompanha sem que nos demos conta. as solidões incompartilhadas se chocam. os traumas se redesenham incessantemente. só nos resta correr e recriar segredos-hieróglifos.

assisto a mim mesma nesta rota de fuga em direção ao fim e só consigo falar dos nossos pés ardendo em carne viva pisando esse asfalto em chamas infinitas. na impossibilidade de parar de correr até que sejamos as próximas a ser consumidas. dança de fúria e horror embalada pelas nossas gargalhadas transviadas no corre. o pavor e a beleza desfilam em Corpos Estranhos...

seguiremos arrastando nossas feridas escancaradas como bocas prontas pra devorar o mundo. encapuzadas e mascaradas a postos para detonar bombas biológicas de desordem. silhuetas absurdas impossíveis de identificar hão de atacar o que há de mais seguro e estável. aprenderemos a falar o dialeto ensurdecido das línguas de fogo que lambem tudo no nosso entorno. ao chão fumegante enfim chamaremos de casa e seremos imunes. ou melhor, seremos a própria queimadura viva desse corpo decrepito e seremos também sua única parte ainda pulsante. somos uma peste virulenta que os abate. doença autoimune.

a noite nos habita e é nela que sublimamos nossas fronteiras com a das outras. é nela que bailamos enlouquecida-bruxamente com nossas irmãs-labaredas, irmãs-carvão, irmãs-lava, irmãs-fumaça... ecoaremos um só crepitar assombroso aterrorizante de nova-potência. seremos uma fogueira tomando de assalto seus velhos móveis coloniais herdados com seu tão amado estandarte-tradição.

nossos pés-carne viva são testemunhos de amor, de um outro amor. marcam o chão fumegante, deixando rastros de caminhos possíveis, pistas para as outras nosotras que vêm. a impossibilidade de parar é nosso abrigo da cegueira-dor e da surdez-ódio. ameaçadas ameaçamos nunca mais deixar de existir. corrijo: decididas a permanecer sabotamos as línguas de ataque e fundamos a nossa pós-geografia. viramos nomes-manifesto. instauramos o infinito-perene. beijamos bocas-cicatrizes. lambemos o terror. dançamos o impossível. agora.

em memória da mana, Matheusa Passareli

Maia de Paiva¹
maio de 2018, são Paulo

